

---

## Sala de Leitura: ferramenta pedagógica para educação antirracista<sup>1</sup>

Maria Lúcia da SILVA<sup>2</sup>  
FMU-FIAMFAAM Centro Universitário, São Paulo, SP

### RESUMO

Este artigo relata a experiência do projeto Sala de Leitura, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Étnico-Raciais (NERA) no FMU-FIAMFAAM Centro Universitário/São Paulo. Entre os objetivos do projeto estão: atender às Leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornaram obrigatória a educação para as relações étnico-raciais no Brasil, por meio do estudo da história e da cultura dos povos africanos, negros e indígenas, com vistas a reverter os racismos a eles impostos. Trata-se de um trabalho qualitativo-descritivo, cujos objetivos foram aprofundar os conhecimentos acerca das obras e biografias das autoras: Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, respectivamente. Os resultados mostraram que o uso da ferramenta pedagógica foi efetivo e contribuiu, considerando a realidade brasileira, com o reconhecimento e a aceitação dos valores culturais próprios, entre outros, com o processo de reconstrução da identidade étnico-racial e reconhecer e alterar atitudes racistas na comunidade acadêmica, além de possibilitar que autores negros se tornem referências nas pesquisas e nos planos de ensino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sueli Carneiro; Lélia Gonzalez; Beatriz Nascimento; educação antirracista; Sala de Leitura.

### INTRODUÇÃO

A luta por uma educação antirracista está entre as reivindicações dos movimentos sociais negros, que culminaram e definiram os programas de ações afirmativas desenvolvidos pelo governo brasileiro, incluindo alunos, professores e instituições, no âmbito da educação superior. O contexto da educação para as relações raciais nos fez refletir sobre a possibilidade de implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, que objetivam o reconhecimento de negros e indígenas como sujeitos históricos, com vista a reparar os danos causados pela invisibilidade dada à cultura desses povos.

Como professora negra, com trajetória no ensino superior e com atuação de 29 anos em cursos na área de comunicação social e 12 anos no FMU-FIAMFAAM Centro Universitário<sup>3</sup>, nós nos propusemos a implementar a referida legislação, criando, em

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, a ser realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Jornalista. Doutora em Educação. Professora nos cursos de Comunicação na FMU-FIAMFAAM Centro Universitário (SP/SP). Coordenadora do NERA (Núcleo de Estudos Étnico-Raciais) e Editora da Revista Dumela. E-mail: maria.l.silva@fiamfaam.br e mlucia1459@gmail.com

<sup>3</sup> A FMU-FIAMFAAM Centro Universitário está situado no bairro Liberdade, na cidade de São Paulo, e os cursos de Jornalismo e Publicidade funcionam há 50 anos.

---

2016, o Núcleo de Estudos Étnico-Raciais (NERA), que tem entre os seus objetivos a responsabilidade de “[...] elaborar uma pedagogia anti-racista e antidiscriminatória e construir estratégias educacionais orientadas pelo princípio de igualdade” (MONTEIRO, 2006, p. 122), assim como desenvolver atividades de extensão, com a temática racial, para todos os cursos da instituição. Afinal, “[...] para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa” (BRASIL, 2004, p. 6).

Desde então, temos desenvolvido diversas atividades de educação antirracista pelo NERA. Entre elas, criamos, em 2019, o projeto Sala de Leitura, com o objetivo de apresentar – aos alunos, professores e egressos – obras e autores negros que pudessem servir de referências bibliográficas em seus trabalhos científicos, assim como serem adotados em planos de ensino nos diversos cursos do Centro Universitário. De acordo com a Resolução nº 1/2004, do Conselho Nacional de Educação, “Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer a mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos” (BRASIL, 2004, p. 6).

## **O NERA E A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

Este relato sobre o projeto Sala de Leitura tem como principal objetivo apresentar as biografias das importantes filósofas brasileiras Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro, assim como discutir algumas categorias desenvolvidas, como: epistemicídio, mulher negra, racismo, quilombo, entre outras. Além disso, esse projeto nos possibilitou ampliar o conhecimento sobre o feminismo, que possui em seu seio a opressão da mulher negra pela mulher branca. O relato se justifica, pois Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e Sueli Carneiro, além de ativistas dos movimentos negros e feministas, são mulheres negras de origem humilde, que ousaram denunciar e desafiar o racismo e o patriarcado na academia, na política e nos movimentos sociais, sendo algumas das grandes vozes das mulheres negras no Brasil.

Ao fazer memória dessa atividade, por meio deste artigo, acreditamos contribuir com a formação de professores, especialmente os de Comunicação Social, para o enfrentamento do racismo em sala de aula, como afirma Kabengele Munanga (2005, p.

---

15): “[...] não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade”.

Antes mesmo que a Lei 10.639/2003 obrigasse a mudança de currículo, que incluiu o debate racial em sala de aula, ativistas e pesquisadoras/es negros já vinham trilhando nesse contexto e construindo base para que não perdêssemos referências históricas, memórias importantes, para dar continuidade à nossa luta antirracista, como foi o caso de Luiz Gama, Guerreiro Ramos, Abdias do Nascimento, Clóvis Moura. E, mais contemporaneamente, as contribuições de Edna Rolland, Jurema Werneck, Neusa Souza Santos, Luiza Bairros, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Nilma Lina Gomes, Jeruse Romão, Valter Silvério, Muniz Sodré e muitos outros, até chegarmos à criação desta legislação.

## **O PROJETO SALA DE LEITURA**

Em agosto de 2019, durante o planejamento das atividades do NERA, decidimos dar início ao projeto Sala de Leitura, com o objetivo de realizar reflexão sobre obras de autores e autoras da intelectualidade e da militância negra. Entre os objetivos específicos, definimos que as obras de mulheres negras brasileiras seriam as primeiras a compor esse estudo. A ideia do projeto surgiu a partir da criação do NERA que tem entre seus objetivos a inclusão de leitura antirracista que possibilite o desenvolvimento de um pensamento descolonizante à comunidade acadêmica. Mas apenas três anos após sua criação foi possível colocar em prática o projeto Sala de Leitura. Até porque o NERA em função das atividades que vinha desenvolvendo, já estava consolidado e se tornando referência para toda a instituição.

Outro ponto que fortaleceu a ideia de desenvolver o projeto foi o aumento da procura por alunos e professores dos cursos de Comunicação Social para nos solicitar indicações de bibliografia e coorientação para seus projetos de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso e/ou produtos de audiovisual com a temática racial. Houve um momento que, após às aulas, atendíamos de três a cinco alunos para essas orientações de recorte de pesquisa e indicações de bibliografias.

Em 2018, a reitoria da FMU/FIAM-FAAM – Centro Universitário comunicou a todo o corpo acadêmico que o NERA passaria a atender, com suas ações, toda a

instituição, e não somente o curso de Comunicação Social como havia sido até então. Essa ação ampliou muito a visibilidade do núcleo, mas especialmente norteou o debate sobre as questões raciais para todo o ensino de graduação, pós-graduação e o ensino a distância. Em determinado momento, também passamos a receber um maior número de solicitação de coorientação de professores de outros cursos da instituição, com o objetivo de acompanhar a produção de conteúdo de seus orientandos.

Dessa forma, nasceu o projeto Sala de Leitura, que tem entre seus objetivos mobilizar a comunidade acadêmica para a leitura de obras de autores negros que possam servir de referências para as pesquisas de alunos, egressos e professores. Para a metodologia, definimos que a leitura seria de uma obra única, para garantir acesso aos participantes e possibilitar a disponibilização de algumas cópias de textos para eles. Os encontros seriam realizados com pesquisadoras que utilizavam conceitos da autora escolhida em suas pesquisas. Partimos para os convites e, após o aceite, executamos a divulgação do projeto. A primeira autora escolhida foi a filósofa Sueli Carneiro, e entre os motivos que nos levaram à escolha está o que afirma Jurema Werneck:

Pois bem, essa mulher negra, aos 70 anos celebrados ainda no início da pandemia – que parece não acabar nunca –, compartilhou sua história de vida como denúncia e recusa contundente às apostas racistas, afirmando: ‘Eu ainda estou aqui!’. [...]... Na trajetória de Sueli Carneiro, o que é escuro é traduzido como resistência e luta e é cheio de possibilidades de mudança, contradizendo o poeta. Em seu caminho, tudo é espelho, reflexo de quem vem antes, oportunidade de autoconhecimento coletivo como mulheres negras. (WERNECK, 24/06/21).

Como não temos condições de registrar todos os 16 encontros ocorridos, optamos por trazer, neste artigo, alguns relatos de pesquisadores e/ou ouvintes, por evento. A escolha dos relatos foi definida após avaliação dos integrantes do NERA.<sup>4</sup> Consideramos importante mencionar que, como coordenadora do NERA estive na organização, produção e mediação de todos os encontros realizados pelo projeto. Nos eventos Sala de Leitura Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez, realizamos cinco encontros em cada. E a Sala de Leitura Beatriz Nascimento contou com seis encontros<sup>5</sup>. Os alunos participantes receberam cinco horas de atividade complementar por encontro, e os pesquisadores, egressos e alunos de outras instituições receberam certificado.

<sup>4</sup> A escolha foi definida após avaliação dos integrantes do NERA. Consideramos importante mencionar que, como coordenadora do NERA estive na organização, produção e mediação de todos os encontros realizados pelo projeto.

<sup>5</sup> Das três Salas de Leitura, apenas a de Sueli Carneiro foi presencial. As demais, por estarmos em período pandêmico e com aulas remotas, foram todos virtuais.

Os alunos integrantes do NERA foram responsáveis por desenvolver todo o material de comunicação e a divulgação das atividades do evento. Iuri Lima, aluno do curso de Publicidade, desenvolveu todas as peças de divulgação. Os alunos do curso de Relações Públicas Thiely Nunes e Vitor Araújo foram os responsáveis pelas ações nas redes sociais. As alunas Maria Carolina Santos, Paula Silva e o aluno Arthur Vieira Beserra, do curso de Jornalismo, realizaram a cobertura do evento.

A cobertura fotográfica do evento foi realizada pela aluna Gabriela Barbosa Lourenço, do curso de Jornalismo, e por Iuri Lima, do curso de Publicidade, do primeiro Sala de Leitura que aconteceu forma presencial. Esses registros se transformaram em uma “Exposição”, que aconteceu no último encontro da Sala de Leitura Sueli Carneiro, no qual as fotografias expostas puderam contar o que aconteceu e também ajudaram a ilustrar e fazer memória nas matérias produzidas para a revista *Dumela* e a Agência de Comunicação (AICom) dos cursos.

**Figura 1 – Material de divulgação**



Fonte: Elaborado pela autora.

### Sala de leitura Sueli Carneiro

A filósofa Sueli Carneiro foi a primeira autora a ser estudada e a obra que norteou a reflexão foi *Escritos de uma vida*<sup>6</sup>, que acabava de chegar às livrarias e que nos deu condições de estudar sua trajetória e o conceito de epistemicídio, formulado por ela na sua tese de doutorado. Na definição da metodologia, realizamos o convite a pesquisadoras que utilizavam os conceitos de epistemicídio ou feminismo negro em suas pesquisas e, portanto, pudessem tratar das questões mencionadas no referido livro.

<sup>6</sup> CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Jandaíra, 2019.

O evento recebeu o nome de *Sala de Leitura Conhecendo Sueli Carneiro*, e durante os meses de outubro e novembro, às quartas-feiras, no horário de 16h30 até 18h30, em sala de aula, da unidade Ana Rosa, onde estavam localizados os cursos de Comunicação da FMU/FIAMFAAM – Centro Universitário.

Na programação, o primeiro encontro foi dedicado a apresentar a biografia e a trajetória de Sueli Carneiro, pelas professoras, pesquisadoras e doutoras em Educação Neide Cristina da Silva e Maria Lúcia da Silva, que também é a coordenadora do NERA.

### QUADRO 1 – Pesquisadoras e temas

DATA	PESQUISADORAS	CURRÍCULO	TEMA
02/10/19	Maria Lúcia da Silva	Jornalista. Doutora Educação. Professora Jornalismo.	“Conhecendo a biografia da ativista Sueli Carneiro”
	Neide Cristina da Silva	Historiadora. Mestre e Doutora Educação. Integrante do grupo de pesquisa Ylê-educare: educação para questões étnico-raciais.	“Conhecendo a biografia da ativista Sueli Carneiro”
09/10/19	Suellen Girote do Prado	Historiadora. Mestre em História Social.	“Mulher Negra e a construção do Instituto Geledés”
23/10/19	Mariléa de Almeida	Historiadora. Doutora em História. Professora Universidade Brasília.	“Os conceitos de “epistemicídio” e o de “dispositivo da racialidade” na tese de Sueli Carneiro”
30/10/19	Ednéia Gonçalves	Socióloga. Executiva da ONG Ação Educação	“A contribuição de Sueli Carneiro para o movimento de mulheres negras”
	Carolina Cristina dos Santos Nóbrega	Professora de Educação Física. Doutoranda em Educação.	A sala de aula e a educação antirracista
22/11/19	Maria Lúcia da Silva	Coordenadora do NERA	Leitura da Carta para Sueli e a “Exposição de Fotos dos encontros”

Fonte: Elaborado pela autora.

Com o tema “Mulher Negra e a construção do Instituto Geledés”, o segundo encontro do Sala de Leitura Sueli Carneiro contou com a participação da historiadora Suelen Girote do Prado, mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), que nos apresentou sua pesquisa intitulada “Sueli Carneiro e a criação do Geledés – Instituto da Mulher Negra”. Em sua abordagem, Suelen falou sobre a importância da luta das mulheres negras para desenvolverem um Instituto que construísse um movimento feminista negro no Brasil, enfatizando que: “O Geledés não foi um instituto criado ‘do nada’, foi muita luta, foram dados muitos passos durante a década de 80 inteira”. Ela também Suelen fez referência aos trabalhos que Sueli e outras intelectuais negras como Dulce Pereira, Vera Sampaio e Tereza Santos articularam para a criação de espaços de discussão do racismo protagonizados por mulheres negras. “A Sueli é a cara do Geledés, mas na verdade ele é um grupo de mulheres, ou melhor, um grupo



---

também criado por essas mulheres que estavam junto dela”, esclareceu Girotte (SILVA, 2019).

Durante sua apresentação, Suelen fez circular entre os presentes o material cedido pelo Geledés para sua pesquisa, como livros, artigos escritos por Sueli, os cadernos elaborados pelo Instituto que abordam temas como saúde da mulher negra, pena de morte e violências diversas.

A historiadora Mariléa Almeida, doutora em História pela Universidade de Campinas (Unicamp) e pela Universidade de Columbia nos Estados Unidos, propôs o seguinte tema para sua abordagem: “Os conceitos de ‘epistemicídio’ e o de ‘dispositivo da racialidade’ na tese de Sueli Carneiro”, conceitos que debate o genocídio da população negra, considerando que é um projeto arquitetado por um sistema essencialmente racista e que promove a morte não somente dos corpos negros, mas da autoestima, da intelectualidade e da história negra.

A pesquisadora enfatizou também o que Sueli diz quando começa a estudar epistemologia, ela afirma que nós, mulheres negras produzimos, mas existem mecanismos de poder que fazem com que esses saberes não circulem”, afirmou Almeida (SILVA, 2019).

A socióloga Ednéia Gonçalves, executiva da ONG Ação Educativa (SP), desenvolveu sua fala sobre “A contribuição de Sueli Carneiro para o movimento de mulheres negras”, e como amiga de Sueli, Ednéia ficou responsável pelo objetivo final do evento, que foi entregar uma carta para a filósofa produzida pelos participantes da Sala de Leitura. Para isso, elencou três contribuições dos escritos de Sueli para o movimento de mulheres negras: o enegrecimento das reivindicações das mulheres, a reivindicação de reconhecimento do direito à subjetividade da mulher negra e a valorização das biografias pessoais e as conexões entre mulheres negras. (SILVA, 2019).

A primeira edição do projeto – Sala de Leitura Sueli Carneiro – teve um resultado positivo do ponto de vista de participação do público, recebendo uma média de 25 alunos por encontro, com um total de 38 inscritos. Nesse encontro, também foi realizada a avaliação do evento, que indicou o nome da autora Lélia Gonzalez para a segunda Sala de Leitura.

Na matéria publicada no site da revista *Dumela*, produzida pela egressa do curso de Jornalismo Paula Silva, ficou registrado o relato de uma das participantes, a atriz Cyda Baú, uma mulher negra quilombola, que expôs a importância do acesso aos estudos e à

---

intelectualidade negra. Ela lembrou também de como o processo do epistemicídio e dos dispositivos de racialidade adoecem e matam nossos entes mais próximos de formas bastante cruéis, citando a morte de seu irmão, vítima da violência urbana.

### **Sala de Leitura Lélia Gonzalez**

Vários autores e autoras da intelectualidade e da militância negra registram em suas obras as lutas e as resistências das populações negras, com vistas a transformar a realidade em que vivem ao denunciar o racismo, o preconceito, a discriminação e a invisibilidade na história econômica, social e cultural do Brasil. Este é o caso da produção científica de Lélia Gonzalez, que, em 2020, foi tema da segunda Sala de Leitura, com o estudo e a reflexão de capítulos da obra *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*<sup>7</sup>.

Após a avaliação do evento anterior, definimos que a metodologia deveria ser diferente da que desenvolvemos na primeira edição do projeto, quando cada pesquisador definia a forma de apresentação de seus estudos. Dessa vez, estávamos distantes, sem o aconchego da roda de conversa e em plena pandemia da Covid-19, tendo que desenvolver a atividade de forma remota. Foi então que o grupo optou que a metodologia deveria ser a de “mapa conceitual” na construção das apresentações dos capítulos da obra. Optamos também por individualizar os artigos, uma vez que a obra oferecia um acervo enorme da produção da Lélia. Escolhemos, ainda, manter o número de encontros e dividi-los, dentro das possibilidades de datas, com duas ou três pesquisadoras.

Desenvolver a atividade de forma remota possibilitou ampliar o número convite aos pesquisadores e aos participantes e, com isso conseguimos o aceite de duas pesquisadoras da obra de Lélia Gonzalez para participar: as professoras Amanda Motta Castro, do Programa de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/FURG e Flávia Rios, da Universidade Federal Fluminense (UFF), que havia acabado de produzir uma obra sobre Lélia Gonzalez. A participação das professoras animou muito o grupo, que não tinha experiência na leitura e no debate sobre a autora.

Outra questão metodológica importante foi o envio, por *e-mail*, dos capítulos do livro que seriam analisados para os inscritos, que teve como objetivo facilitar a reflexão. Os encontros remotos, pela plataforma Blackboard (disponibilizada para aulas da

---

<sup>7</sup> GONZALEZ, Lélia. **Lélia Gonzalez**: Primavera para as rosas negras. São Paulo: União dos Coletivos Pan-Africanistas (UCPA), 2018.



FMU/FIAM-FAAM – Centro Universitário), aconteceram aos sábados de outubro e novembro, no horário de 16h até 18h (sempre ultrapassamos), quando 13 pesquisadoras falaram da potência que estava sendo ler Lélia Gonzalez, saber da sua história de vida e refletir sobre os seus escritos para um público de 80 a cem participantes por encontro, com 400 inscritos no total.

### QUADRO 2 – Pesquisadoras e temas

DATA	PESQUISADORA	CURRÍCULO	TEMA
17/10/20	Amanda Motta Castro	Professora Programa de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/FURG. Compõe Grupo de Pesquisa Interdisciplinar Lélia Gonzalez.	Conhecendo a pensadora negra Lélia Gonzalez
	Natali Conceição	Graduanda em arquitetura e urbanismo. Arte educadora.	Intervenção Artística
24/10/20	Andréa Rosendo	Jornalista. Doutoranda em Comunicação e Cultura na América Latina (Prolam/USP)	Mulher Negra: um retrato
	Erika Teixeira	Pedagoga. Atriz. Pesquisadora Relações Raciais.	Cultura, Etnicidade e Trabalho
	Neide Cristina da Silva	Mestre e Doutora em Educação. Integrante do grupo de pesquisa Ylê-educare: educação para questões étnico-raciais.	Mulher Negra na sociedade brasileira
07/11/20	Carolina Santos Nóbrega	Professora de Educação Física. Doutoranda em Educação.	Racismo, sexismo na cultura Brasileira
	Fabiana Teixeira	Formada em Direito. Especialista em mediação de conflitos. Pesquisadora do direito e dos movimentos sociais.	A Lei Facilita a violência
	Necy Teixeira	Formada em Letras. Especialista em educação jovens e adultos pela PUC/SP. Consultora em aprendizagem organizacional.	A questão negra no Brasil
21/11/20	Francisca Mônica Rodrigues	Formada em Letras. Mestre em Educação. Professora Rede Pública.	E a Trabalhadora Negra, Cumé que Fica?
	Necy Teixeira	Formada em Letras. Especialista em educação jovens e adultos pela PUC/SP. Consultora em aprendizagem organizacional.	A esperança Branca
	Tarsila Flores	Psicóloga. Doutora Saúde Pública ENSP/FIOCRUZ -RJ. Perita	Terror nosso de cada dia
28/11/20	Andrea Rosendo	Jornalista. Doutoranda em Comunicação e Cultura na América Latina (Prolam/USP).	Mito Feminino na revolução Malé
	Dirce Thomaz	Formada em Letras. Atriz há mais de 30 anos. Diretora e arte-educadora.	Performance Lélia! Sua voz e a nossa voz.
	Flávia Rios	Cientista Social. Professora na Universidade Federal Fluminense. Pós doutora.	Por um feminismo afro-latino-americano: Lélia Gonzalez
	Paula Silva	Jornalista formada na FIAM-FAAM	Entrevista para <i>O Pasquim</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

Quem nos apresentou “Lélia Gonzalez” foi a professora Amanda Motta Castro, responsável pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/FURG e integrante do grupo de pesquisa interdisciplinar Lélia Gonzalez, que, ao realizar sua apresentação, aproximou o público presente da autora. Por meio de uma contextualização sobre a carreira e a vida pessoal de Lélia, baseando-se em conhecimentos de anos de estudo e no livro *Lélia Gonzalez: Primavera para as Rosas*

---

*Negras*, Amanda mostrou como a pensadora afrodiáspórica mineira tornou-se um renome dentre as principais referências na luta de classe, raça e sexismo em nosso país. Para Amanda, esse tipo de discussão fortalece a propagação de visões críticas e essenciais para nossa sociedade (SANTOS, 2020).

A pesquisadora e jornalista Andrea Rosendo fez duas participações no evento, analisando os artigos “Mulher Negra: um retrato” e o “Mito Feminino na revolução Malê”. Ela elaborou sua leitura a partir dos conceitos de racismo institucional, estrutural, raça, classe e gênero e autorreflexão *versus* alienação. Para Andrea, “Lélia busca expressar como somos e de que maneira nós existimos, ela tem um olhar mais cuidadoso para com as mulheres que vivem na América Latina e denuncia o preconceito arraigado no colonizador interno dos latino-americanos” (SANTOS, 2020).

Desenvolver o Sala de Leitura de forma remota nos possibilitou receber também a cientista social e professora da Universidade Federal Fluminense Flávia Rios, e conhecer mais profundamente Lélia, uma vez que nos apresentou o livro *Por um feminismo afro-latino-americano*<sup>8</sup>, organizado por ela e a professora Marcia Lima. Flávia Rios frisou, em sua fala, a importância de espalhar os pensamentos e posicionamentos de Lélia, especialmente quando ainda existem diversas informações mascaradas sobre nossa própria história. Segundo Flávia Rios, devemos refletir sobre o fato de que Lélia González disse “o primeiro passo que a mulher negra dá, em termos de conscientização, tem a ver com a luta contra o racismo, posto que não só ela, mas seus filhos, irmãos, parentes, companheiro, amigos e conhecidos deles são vítimas” (SANTOS, 2020).

### **Sala de Leitura Beatriz Nascimento**

Após o sucesso – participação de público e registros positivos nas avaliações - de todos os encontros que abordaram vida e obra das autoras negras Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez, a Sala de Leitura trouxe para uma conversa a historiadora, poeta, professora e ativista sergipana Beatriz Nascimento, um dos nomes mais importantes do movimento negro brasileiro. Essa terceira edição do projeto ocorreu durante seis tardes de sábados, ao longo dos meses de março e abril de 2021, no qual a obra *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*<sup>9</sup> foi debatida. As 14 pesquisadoras envolvidas

---

<sup>8</sup> RIOS, Flávia; LIMA, Marcia (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

<sup>9</sup> RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

no projeto trabalharam em sua análise com os textos que compõem a segunda parte do livro, onde constam os artigos escritos ao longo da vida de Beatriz Nascimento.

Os encontros remotos foram inicialmente desenvolvidos na plataforma Blackboard (disponibilizada para aulas na FMU/FIAM-FAAM) e depois migraram para a plataforma Meet e Zoom, com uma média de cem alunos por encontro, entre os 200 inscritos no total. O público foi composto por alunos, egressos, professores e muitos pesquisadores externos, atraídos principalmente pela obra de Beatriz e pelo debate do conceito de feminismo negro.

### QUADRO 3 – Pesquisadores e Temas

DATA	PESQUISADOR	CURRÍCULO	TEMA
20/03/21	Alex Ratts	Professor na Universidade Federal de Goiás. Doutor em Antropologia Social e Pós-Doutor.	Pesquisa e produção do livro: <i>Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de Beatriz Nascimento</i>
	Edileuza Penha de Souza	Professora UnB. Doutora em Educação. Pós Doutora.	Reflexões sobre o filme Ori
10/04/21	Andrea Rosendo	Jornalista. Doutoranda em Comunicação e Cultura na América Latina (Prolam/USP).	Daquilo que se chama cultura
	Tarsila Flores	Psicóloga. Doutora em Saúde Pública (ENSP/FIOCRUZ-RJ).	Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso
24/04/21	Fabiana Teixeira	Formada em Direito. Especialista em mediação de conflitos. Pesquisadora do direito e dos movimentos sociais.	Por uma história do homem negro
	Necy Teixeira	Formada em Letras. Especialista em educação jovens e adultos pela PUC/SP. Consultora em aprendizagem organizacional.	A mulher negra no mercado de trabalho
08/05/21	Carlídia Pereira Almeida	Quilombola. Engenheira Agrônoma (Uneb). Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais (UFSB).	Sementes crioulas, da ancestralidade para atualidade: o protagonismo dos saberes tradicionais do povo quilombola de Lagoa do Peixe
	Mariléa Almeida	Historiadora. Doutora em História. Professora Universidade Brasília.	Quilombo: território físico e existencial em Beatriz Nascimento
	Selma dos Santos Dealdina	Quilombola. Assistente Social. Coordenação Nacional Conaq.	Mulheres Quilombolas territórios e existência negras feministas
15/05/21	Flávia Abud Luz	Doutoranda em Ciências Sociais (UFABC).	O conceito de quilombo e a resistência cultural negra
	Mônica Luz	Pedagoga. Pós-Doutora em Educação. Docente na Unib.	O conceito de quilombo e a resistência cultural negra
	Neide Cristina da Silva	Mestre e Doutora em Educação. Grupo de pesquisa Ylê-educare: educação para questões étnico-raciais	O conceito de quilombo e a resistência cultural negra
22/05/21	Erika Teixeira	Pedagoga. Atriz. Pesquisadora Relações Raciais.	Nossa Democracia Racial
	Maria Lucia da Silva	Jornalista. Doutora em Educação. Coordenação NERA.	A mulher negra e o amor

Fonte: Elaborado pela autora.

Com a presença de Alex Ratts, antropólogo, pesquisador e autor do livro escolhido para o evento, demos início à Sala de Leitura Beatriz Nascimento. Em sua apresentação Alex Ratts teceu comentários sobre como conheceu o trabalho da intelectual e que seus

---

motivos para investir em seus estudos trouxe mais conhecimento sobre uma das grandes ativistas em prol dos quilombolas, especialmente por ser uma crítica ferrenha à historiografia feita em sua época. “A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou”, afirmava Beatriz.

Ratts enfatizou que Beatriz Nascimento foi: “uma intelectual que me fez rever sobre diversos assuntos como feminismo negro, processo de cotas, questões sociais, etc. Sem dúvidas ela foi uma intelectual negra de maior prestígio da década de 70”, disse Ratts (SANTOS, 2020).

Em sua apresentação, *A mulher negra no mercado de trabalho*, Necy Teixeira abordou o papel da mulher negra no mercado de trabalho e traçou um paralelo entre o texto de Beatriz e a realidade presente nos tempos atuais. Iniciando com o trecho de um texto de Lélia Gonzales sobre a formação das sociedades hierárquicas, no qual afirma que não é possível ter igualdade dentro de uma divisão de classes, ela lançou mão de dados e notícias disponíveis *online* para mostrar que mecanismos nem sempre explícitos limitam as oportunidades e a consequente mobilidade social que até existe, mas se torna cada vez mais difícil dependendo, por exemplo, da cor da pele (SANTOS, 2021).

Ler Beatriz Nascimento no cenário pandêmico e político em que vivíamos entre março e abril de 2021 foi um acalanto, foi como receber um abraço forte – ter um encontro marcado aos sábados em um tempo em que predominou o isolamento social e a angústia de esperar sua vez de tomar a vacina. Esses momentos de aquilombamento, de descoberta e discussão dos textos nos estimulou muito a continuar tendo esperança.

## **Resultados alcançados**

Entendemos que esses autores, intelectuais negros, sejam os responsáveis pela enorme abrangência que vem ganhando a educação antirracista, ao dar visibilidade ao racismo estrutural existente na sociedade brasileira e ao transformar o antirracismo em instrumento de mobilização política dos negros, conforme vêm lutando os movimentos sociais negros.

Considerando que as três edições do projeto Sala de Leitura contaram com 16 encontros, com a participação de 23 palestrantes, entre mulheres e homens da academia e/ou dos movimentos sociais pretende-se dar voz às/aos participantes dos encontros, informando como foi o contato com essas obras, o diálogo com as pesquisadoras, impacto em suas pesquisas e vidas. Dessa forma, encaminhamos formulário de avaliação dos

---

eventos aos participantes e selecionamos duas respostas para compor este artigo. Conforme avaliou Paula da Silva (2022), egressa do curso de Jornalismo FIAM-FAAM Centro Universitário:

Particpei de duas Salas de Leitura a primeira foi sobre Sueli Carneiro, que inclusive fiz a cobertura dessa primeira edição para a revista Dumela. A segunda vez foi um trabalho mais aprofundado nas obras da Lélia González. Fizemos apresentações de partes importantes das obras de Lélia, e foi uma experiência de aprendizado, eu nunca tinha lido Lélia na faculdade e nem em lugar nenhum. Atualmente, estou cursando uma pós-graduação na USP, e digo foi o meu primeiro passo nesse meu interesse em ingressar na área acadêmica – fazer pesquisa, trabalhar com questões étnico-raciais, etc. Então, esse aquilombamento me ajudou a estar na pós-graduação hoje.

Por outro lado, também houve dificuldades na efetivação dos eventos *online*: entre as principais limitações, a qualidade das conexões de internet para garantir acesso dos alunos. A plataforma Blackboard, por exemplo, informava que a sala *online* suportava mais de 400 pessoas ao mesmo tempo, o que não era real. Isso limitou a participação, provocou quedas constantes na conexão e, por esse motivo, tivemos que limitar o uso de microfones e câmeras abertas, deixando apenas o *chat* funcionando.

Por isso, para a realização da Sala de Leitura Beatriz Nascimento reduzimos o número de participantes para 200 inscritos, o que possibilitou a participação com câmeras e microfones ligados. Se de um lado a atividade remota possibilitou encontros com pessoas de todo o Brasil, como nos ensinou Beatriz Nascimento a nos aquilombar, por outro o uso das tecnologias nos apresentou as desigualdades de conexão de forma latente.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer do texto, reafirmamos a importância do projeto sala de leitura para os alunos e professores do FMU-FIAMFAAM Centro Universitário/São Paulo, como estratégia de articulação e fortalecimento de uma cultura antirracista nas salas de aulas e espaços de trabalho dos futuros profissionais, conforme os depoimentos selecionados, através do aprofundamento dos conhecimentos acerca das obras e biografias das autoras: Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, respectivamente.

Portanto, destacamos a importância desta estratégia para o atendimento das leis 10.639/03 e 11.645/08: Articular junto a professores e alunos uma agenda de atividades dentro dos cursos para um fortalecimento da temática antirracista; Fortalecer e incentivar os alunos na leitura e inclusão de bibliografias de autores/as negras, nos seus trabalhos

---

acadêmicos, nos trabalhos de conclusão de curso e em outras atividades; Desenvolvimento por parte dos docentes de atividades educativas formadoras de um modo de pensar e agir que lhes permitam a constituição de práticas antirracistas na sua vida profissional; Despertar a consciência no desenvolvimento de um trabalho pedagógico junto aos trabalhadores, por parte dos alunos nas intuições das quais realizam estágio para que contribuam com a realização de novas relações

Entre as vantagens da ferramenta analisada, destacamos as aprendizagens desenvolvidas pelos alunos, como nos respondeu no formulário de avaliação Rafaela Clice (2022), egressa do curso de Direito da Faculdade Metropolitana Unida (FMU) Centro Universitário

Sou imensamente grata ao Nera e suas salas de leitura por terem me formado como pessoa, estudante e advogada. Foram as salas de leitura que me apresentaram Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento e que me acolheram enquanto aluna do curso de Direito a pensar uma perspectiva mais humana e emancipatória. Resultado disso é que não só escrevi o artigo de conclusão de curso pensando as relações raciais como seguí com a pós-graduação em Relações Étnico-Raciais e de Gênero na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. O NERA e suas salas de trocas, leituras e vivências abriram meus olhos à necessária crítica ao mito da democracia racial, é por causa deles que hoje eu me vejo.

Em 2022 não possível organizarmos as salas porque fomos pegos de surpresa pela morte da professora Neide Cristina da Silva, que foi incentivadora do projeto e contribuiu como pesquisadora em todas as suas edições. Para esse ano, 2023, estamos organizando para outubro e novembro o quarto evento do projeto Sala de Leitura com a escritora Carolina Maria de Jesus e a reflexão sobre o livro *Quarto de Despejo*.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Relatora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Brasília, DF, 2004. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp\\_003.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf). Acesso em: 6 mar. 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Lélia Gonzalez: Primavera para as rosas negras**. São Paulo: União dos Coletivos Pan-Africanistas (UCPA), 2018.



MONTEIRO, Rosana. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília, DF: MEC/SECAD, 2006.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília, DF: MEC/SECAD, 2005.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

RIOS, Flávia; LIMA, Marcia (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

SANTOS, Maria Carolina. **Sala de Leitura Lélia Gonzalez**. Revista Dumela online. Disponível em site [www.revistadumela.com.br](http://www.revistadumela.com.br). Acesso em: 7 jul. 2023.

SANTOS, Maria Carolina. **Sala de Leitura Beatriz Nascimento**. Revista Dumela online. Disponível em site [www.revistadumela.com.br](http://www.revistadumela.com.br). Acesso em: 3 ago. 2023.

SILVA, Paula Rejane. **Sala de Leitura Conhecendo Sueli Carneiro**. Revista Dumela online. Disponível em site [www.revistadumela.com.br](http://www.revistadumela.com.br). Acesso em: 10 jul. 2023.

WERNECK, Jurema. Biografia de Sueli Carneiro é sopro de mudanças. **Portal Geledés**, 24/06/2021. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/biografia-de-sueli-carneiro-e-sopro-de-mudancas/?gclid=Cj0KCQjwz8emBhDrARIsANNJjS55B-bgKwR41101GCkyT8xfeFcHwLWh5vhvIS\\_QkqshPfxJB24HiDoaAiUPEALw\\_wcB](https://www.geledes.org.br/biografia-de-sueli-carneiro-e-sopro-de-mudancas/?gclid=Cj0KCQjwz8emBhDrARIsANNJjS55B-bgKwR41101GCkyT8xfeFcHwLWh5vhvIS_QkqshPfxJB24HiDoaAiUPEALw_wcB). Acesso em: 8 jul. 2023.